

Patriarcado, masculinidade e dispositivo: estratégias e objetivação do feminino em “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018)

Patriarchy, masculinities and device: strategies and objectification of the feminine in “Land of the strong” (Globo, 2018)

Tacia Rocha¹

Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso²

Jefferson Gustavo dos Santos Campos³

Resumo: O patriarcado é todo um sistema de dominação e de convencimento, que produz verdades absolutas e naturalizadas sobre a diferença sexual e a superioridade masculina, objetivando mulheres em corpos úteis. Sob tal temática, esta pesquisa objetiva analisar o modo como os mecanismos de poder patriarcal e de constituição do sujeito objetificam as personagens Joana e Rosinete, na supersérie “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018). Para estudar a prática discursiva por meio de uma abordagem qualitativa, mobilizam-se fontes

¹ Doutora e Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM). Doutoranda em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp). ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-1147-0158>. E-mail: tacia.rocha.f@gmail.com.

² Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (2003), com estágio pós-doutoral no IEL- Unicamp (2012-2013). Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Professora da Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6237-5815>. Contato: ievstasso@gmail.com.

³Docente do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9525-4104>. E-mail: jefferson.santos@unir.br.

documental - enunciados da materialidade televisiva -, e bibliográficas provenientes dos Estudos Discursivos Foucaultianos, dos quais se depreende o conceito heurístico “dispositivo” (Foucault, 1988; 2015), em diálogo com a história descontínua do Nordeste e do nordestino (Albuquerque Júnior, 2011; 2013; 2019), para pensar as relações de saber-poder entre sujeitos dessa localização geográfica e a epistemologia feminista com as noções gênero e violência patriarcal (Rago, 2019a, 2019b; Scott 2017; Segato, 2003). Dentre as estratégias assimétricas de poder agenciadas na materialidade, destacam-se: a “capitalização do prazer”, em que Joana é manipulada e objetificada como “mulher erotizada” para servir aos interesses políticos e econômicos do juiz Ramiro e a “confessionalização da mulher”, por meio da qual Rosinete é objetificada como “esposa e mãe abnegada”, sendo que apesar de aparentemente opostas, ambas são instituídas pelos discursos religiosos e patriarcais.

Palavras-chave: Violência; Materialidade discursiva ficcional; Gênero; Relações de poder; Masculinidade.

Abstract: *Patriarchy is an entire system of domination and persuasion, which produces absolute and naturalized truths about sexual difference and male superiority, objectifying women in useful bodies. This study analyzes the way in which the mechanisms of patriarchal power and the constitution of the subject objectify the characters Joana and Rosinete, in the superseries “Land of the strong” (Globo, 2018). To study the discursive practice through a qualitative approach, documentary sources are mobilized - statements from television materiality - and bibliographic sources from Foucauldian Discursive Studies, from which the heuristic concept of “device” (Foucault, 1988; 2015) can be inferred, in dialogue with the discontinuous history of the Northeast and the northeastern (Albuquerque Júnior, 2011; 2013; 2019) to think about the knowledge-power relations between subjects of this geographic location and feminist epistemology with the notions of gender and patriarchal violence (Rago, 2019a, 2019b; Scott 2017; Segato, 2003). Among the asymmetrical power strategies implemented, the “capitalization of pleasure” stands out, in which Joana is manipulated and objectified as an “eroticized woman” to serve the political and economic interests of judge Ramiro and the “confessionalization of women”, through which Rosinete is objectified as a “selfless wife and mother”, and despite being apparently opposed, both are instituted by religious and patriarchal discourses.*

Key-words: Violence; Fictional discursive materiality; Gender; Power relations; Masculinity

Considerações iniciais

O patriarcado é “tratado” pelas feministas, nos anos 1980, como “todo um sistema de dominação e convencimento instalado para criar a diferença e a desigualdade, com a instituição binária da sociedade e sua dessimetria” (Navarro-Swain, 2014, p. 36). As práticas sociais integram o poder patriarcal por meio de saberes e de instituições patriarcais, que funcionam por meio da

“violência material ou representacional”, inventando “corpos e papéis sociais” para as mulheres “em função da genitália que passa a defini-los, em um esquema de dominação e subordinação” (Navarro-Swain, 2014, p. 37). Os corpos de mulheres se tornam objetivados e úteis: “corpos para o **trabalho**, a **propriedade**, o **cuidado** e a **manutenção da vida**, para a **produção do prazer alheio**” (Tiburi, 2018, p. 12, grifos nossos). Dito de outro modo, no patriarcado, a identidade das mulheres tem um parâmetro heteroconstruído de modo que os corpos produzidos desempenhem funções secundárias, inessenciais e subalternas na sociedade.

Nesse sentido, os modos patriarcais de discursivização dos corpos de mulheres supramencionados demarcam uma governamentalidade que age por meio da racionalidade masculina, governa as práticas sociais e produz subjetividades em diversos campos associados. O campo televisivo, por exemplo, coloca em circulação modos de enunciar mulheres em telenovelas e teleseries, exemplos de “materialidade discursiva ficcional” (Tasso, 2015, p. 50), com um alcance massivo e de apreensão popular na televisão aberta. A materialidade “**Onde nascem os fortes**” (Globo, 2018), cuja prática discursiva é **objeto deste estudo** e da tese de doutorado⁴, é um exemplar televisivo que imprime na tela a história de duas mulheres, mãe e filha, que enfrentam a brutalidade e o desmando do poder patriarcal no sertão nordestino, “onde nem sempre a lei é soberana”, primeiro em busca de um ente querido desaparecido. Depois, por justiça após o crime de homicídio ser revelado (Memória Globo, 2023).

À medida que a supersérie⁵ problematiza a violência patriarcal como um traço forte da cultura brasileira, fruto da nossa herança escravocrata e

4 A tese mencionada é intitulada “Movimentos de contraconduta feminista em “Onde Nascem Os Fortes” (Globo, 2018): violência, resistências e artes do cuidado de si” foi defendida em 2024, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM), sob orientação da Profa. Dra. Ismara Tasso e co-orientação do Prof. Dr. Jefferson Campos, co-autores deste texto.

5 A supersérie é um tipo de ficção televisiva, ou modalidade enunciativa em termos discursivos, que conserva as bases da telenovela - gênero melodrama, folhetim (Martín-Barbero, 1997) - e a representação de temas que são das esferas privada e pública, exibida quase diariamente. O melodrama é um gênero teatral, cuja estética organiza os elementos narrativos “pelo regime de olhar sentimental” (Néia, 2023, p. 66) ao passo que a sistemática do folhetim vem da ideia aristotélica de peripécia, com “reviravoltas articuladas à lógica da fábula”, ao longo da obra (Néia, 2023, p. 47). Por outro lado, a supersérie subverte o formato novelístico por ser um produto fechado como uma série em que os espectadores não podem “se intrometer” na

naturalizada a toda sociedade (Schwarcz; Starling, 2018), estabelecida discursivamente como uma forma particular de descrever o Nordeste (Albuquerque Júnior, 2007; 2011; 2013), podemos analisar os modos de ver e de dizer as mulheres na relação com essa truculência. A escolha da supersérie foi motivada pelo desejo de suscitar questionamentos sobre as práticas de sujeição sob as quais mulheres são submetidas no discurso ficcional televisivo de fácil apreensão a grande volume de pessoas.

Soma-se também a circulação da prática discursiva em questão é ainda mais ampliada com a disponibilidade na plataforma de *streaming* Globoplay, o que lhe confere maior longevidade com o acesso sob demanda. Ela é um produto comercial que assume o “status cultural que a série possui”, “uma estratégia de mercado para atrair novos públicos para a ficção” (Lopes e Orozco Gómez, 2016, p. 93 *apud* Tondato *et al*, 2019, p. 239).

Sob tal prática discursiva, propomos para este artigo como **objetivo geral** analisar o modo como os mecanismos de poder patriarcal e de constituição do sujeito objetificam as personagens Joana e Rosinete, na supersérie “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), esta pesquisa, inscrita na diversidade de trabalhos desenvolvidos junto ao Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM (GEDUEM/CNPq), mobiliza **três noções**:

dos Estudos Discursivos Foucaultianos, adotamos a noção de **dispositivo** (Foucault, 1988; 2015) e da **apreensão do conceito feito pela pesquisadora Navarro-Swain (2023)**, que por uma questão didática, designou o “patriarcado” como “arcabouço teórico, imaginário, simbólico e normativo” e erigiu o “dispositivo da masculinidade” como seu braço executivo, sua expressão material” (Navarro-Swain, 2023, p. 265-266). Tal noção é reformulada por nós em pesquisa de doutorado, subsidiada por bolsa CAPES, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM (PLE/UEM) (Rocha, 2024);

narrativa como acontece com a telenovela, bem ser reduzida a duração do folhetim e a multiplicidade de tramas, de núcleos e de elenco. É um formato híbrido. A série também é uma ficção seriada, geralmente lançada em temporadas com exibição semanal como na televisão a cabo americana ou liberada semanalmente em plataforma de streaming, estimulando o comportamento binge watching, expressão que pode ser traduzida “assistir tudo em uma tacada só” ou o popular “maratonar séries” (Rocha, 2024).

da história descontínua do Nordeste e do Nordestino, adicionamos o qualificador “**sertanejo**” para demarcar como este termo se consolidou enquanto sinônimo de “ser nordestino” ao longo do século XX, que o objetifica como um homem forte, extremamente virilizado, ancorado em um passado rural e patriarcal, capaz de salvar a região da modernização das cidades e da feminização da cultura (Albuquerque Júnior, 2011; 2013; 2019) e que é atualizado na materialidade audiovisual pelo que chamamos de discurso da brasiliade “nordestinizada” (Rocha, 2024);

a partir da epistemologia feminista (Rago, 2019a, 2019b; Scott 2017; Segato, 2003) considera-se que a **força se constitui como regularidade enunciativa** no discurso brasiliade “nordestinizada” e a **violência é a tecnologia** que rege o funcionamento das relações de poder entre os sujeitos ficcionais; em especial, consideramos as relações de domínio masculino sobre o feminino no *corpus*: relações de chantagem e de coerção de Joana, Pedro e Rosinete à luz de estrutura da violência do patriarcado, por Segato (2003) (Rocha, 2024).

Para fazer a **leitura das imagens em movimento**, operacionalizamos heurísticamente o conceito de dispositivo (Foucault, 1988; 2015). Para tanto, seguimos a noção deleuziana de “trabalho em terreno” como método de desemaranhamento das “linhas de um dispositivo”, de modo a “traçar um mapa” (Deleuze, 1990), para compreender o funcionamento da ordem patriarcal. Privilegiamos analisar as dimensões “poder” e “subjetivação” do dispositivo da masculinidade sertaneja (Rocha, 2024). Assim, não nos ocupamos em transcrever integralmente as sequências enunciativas organizadas em quadros. Antes, propomos uma organização dos dispositivos textuais que possibilitem visualizar os pontos de regularidade, cuja materialidade repetível desenha os contornos da constituição dos sentidos em relação à violência patriarcal e as relações de gênero.

Isso posto, a **organização deste artigo** passa por seções que contemplam os tópicos: 1) conceituação de dispositivo e a apreensão do conceito específica a esta pesquisa; 2) análise das estratégias de submissão da mulher pelo homem engendradas e os pontos de fixação do saber; e 3) considerações finais.

Dispositivo da masculinidade sertaneja na hierarquia das relações entre os gêneros: universo do status e relações de subordinação

Para analisar as estratégias e práticas discursivas na supersérie “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), produzidas no interior do sistema patriarcal, é importante situar a perspectiva teórico-metodológica adotada. Nós fazemos uma análise à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos em diálogo com os Estudos Feministas, - assim como a psicanálise, a hermenêutica, a teoria crítica marxista, o desconstrutivismo e o pós-modernismo -, fazem uma ampla crítica cultural, teórica e epistemológica sobre o modo dominante de produção do conhecimento científico (Rago, 2019a, p. 375). A crítica é contra as categorias dominantes na ciência, que se apresentam como universais, que não são reconhecidas como burguesa, ocidental, marxista, masculina e que, portanto, opera na lógica da identidade (Rago, 2019a, p. 373-374).

Como efeito do esgotamento teórico, questões feministas como “mulher” e “gênero” foram sendo incorporadas em diferentes campos de produção científica, de fora para dentro. Isso porque havia um esgotamento de conceitos que se apresentavam como “universais” e passou a criticar “a racionalidade burguesa, ocidental, marxista inclusa” não pensada “em sua dimensão sexualizada, como criação masculina, logo excludente” (Rago, 2019a, p. 374). A inclusão de temas feministas provocou desestabilização e aparecimento de rupturas, pois os conceitos masculinos eram demasiados estreitos para pensar a diferença e, por vezes, misóginos e por isso precisavam ser questionados, abandonados e refeitos. Um deles é o conceito de gênero surgiu em meados dos anos 1970 e se propagou nos 1980, com o propósito de “distinguir e separar” sexo de gênero (Escosteguy, 2020, p. 106).

Em especial, citamos o texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, da historiadora estadunidense Joan Scott (2017), ensaio que foi republicado em 2008, pela revista *“American Historical Review”* (Scott, 2008), bem como asseverado a relevância do conceito no artigo “Os usos e abusos do gênero” (Scott, 2012). Scott (2017) define gênero em duas partes e diversos subconjuntos interrelacionados, mas que devem ser analiticamente diferenciados: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; e (2) o gênero é uma

forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 2017, p. 86). Na última proposição, entende-se que o gênero legitima de diversas maneiras a distribuição das relações do macro e micropoderes nas sociedades.

Além do mais, a questão de gênero está implicada com a violência e com o poder hierárquico, que se distribuem através da história da humanidade e dos papéis de gênero. Longe de ser uma questão secundária, sintomática e marginal dentro de nossa sociedade, seria a positividade para a produção de um conjunto de problemas e de relações de poder, opressões, desigualdades, modos de vida e projetos históricos cristalizados como naturais na caminhada da humanidade. Em especial, as transformações do sistema de gênero decorrentes das invasões coloniais europeias às Américas a partir do século XVI, fundamentaram as estruturas hierárquicas de poder e de prestígio da modernidade colonial como ocorreu com os povos indígenas brasileiros no século XVI (Navarro-Swain, 2023, p. 266). Como Segato (2003) defende que:

[...] a compreensão das transformações do ‘sistema de gênero’ e da história da estrutura patriarcal lança luz indispensável para compreender a viragem social introduzida pela modernidade como um todo. Se lermos bem o que significou esta transição e a forma como a intervenção reorganizou e agravou hierarquias pré-existentes, entenderemos um grande número de fenômenos atuais que afetam toda a sociedade e que estão muito longe de constituir apenas ‘o problema das mulheres’ (Segato, 2016, p. 94, tradução nossa)⁶.

A citação acima destaca a relevância do conceito de gênero para compreensão do funcionamento do sistema patriarcal, que “desempenha um papel necessário na reprodução da economia simbólica do poder cuja marca é o gênero” (Segato, 2016, p. 13, tradução nossa)⁷. Inclusive, as relações de gênero servem como subsídio para compreender a truculência produzida pelos homens da materialidade televisual em “Onde nascem os fortes” (Globo (2018)). Lidas à luz de Segato (2003), as “**estruturas elementares da violência**” são

⁶ Citação original: “[...] comprender las transformaciones del “sistema de género” y la historia de la estructura patriarcal arroja una luz indispensable para entender el giro social introducido por la modernidad como un todo. Si leemos adecuadamente lo que ese tránsito significó y la forma en que la intervención reacomodó y agravó las jerarquías preexistentes, comprenderemos una gran cantidad de fenómenos del presente que afectan a toda la sociedad y que están muy lejos de constituir apenas “el problema de la mujer (Segato, 2003, p. 94).

⁷ Citação original: ““juega un papel necesario en la reproducción de la economía simbólica del poder cuya marca es el género” (Segato, 2003, p. 13)

representadas por eixos que se entrecruzam e formam coordenadas cartesianas: no **eixo horizontal (x)**, “**contrato entre iguais**”, está localizada a **relação simétrica entre os homens**, cuja masculinidade está em constante ameaça de ser rebaixada e por isso a relação pode ser de aliança ou de competição para manterem o pacto da masculinidade; no **eixo vertical (y)**, “**status**”, as **posições assimétricas de poder são asseguradas pelo sistema de gênero** que produz corpos, a partir de marcadores da diferença como gênero, raça e classe, a fim de justificar a sua submissão e sua exploração.

Mediante as noções apresentadas para compreender o patriarcado, de gênero (Scott, 2017) e das estruturas da violência que estabelecem relações desiguais entre os gêneros (Segato, 2003), nesta pesquisa propomos, em diálogo com o conceito de dispositivo (Foucault, 1988; 2015), a criação de uma categoria analítica. Para Foucault (2015), **o termo demarca um conjunto heterogêneo** que abrange “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, propostas filosóficas, morais, filantrópicas” (Foucault, 2015, p. 365). **Segundo, estabelece a natureza das relações entre esses elementos heterogêneos.** E finalmente, **assevera que o dispositivo tem uma função estratégica uma vez que visa responder a uma urgência histórica** e vai se modificando num “**processo de perpétuo preenchimento estratégico**” (Foucault, 2015, p. 365).

Deleuze (1990), por sua vez, define o dispositivo como “uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente” (Deleuze, 1990, p. 155). Ele é alicerçado em três grandes eixos que Foucault distingue sucessivamente ao longo de sua obra: saber, poder e (produção de) subjetividades. Estes, por sua vez, se decompõem em quatro dimensões articuladas: 1) as curvas de visibilidade e 2) as curvas de enunciação; 3) as linhas de força; e 4) as linhas de subjetivação.

Dentre as apropriações do conceito, nesta pesquisa é relevante aquela feita por Navarro-Swain (2014) que, inicialmente, concebeu o patriarcado como um dispositivo. Nele, estaria inserido o dispositivo de “gênero” que operacionalizaria o sistema patriarcal para produzir a diferença sexual, assim

como o dispositivo da sexualidade (erigido pelo filósofo), o “amoroso” e da violência” (concebidos por Navarro-Swain, 2014), todos eles amalgamados como “subsistemas constitutivos do patriarcado” (Navarro-Swain, 2014, p. 40). Depois, Navarro-Swain (2023) repensou o conceito e, por uma questão didática, designou o “patriarcado” como “arcabouço teórico, imaginário, simbólico e normativo” e erigiu o “dispositivo da masculinidade” como seu braço executivo, sua expressão material” (Navarro-Swain, 2023, p. 265-266). A esse dispositivo podem ser agregados os quatro supracitados, além de outros como “da exclusão, do racismo, da misoginia” (Navarro-Swain, 2023, p. 265).

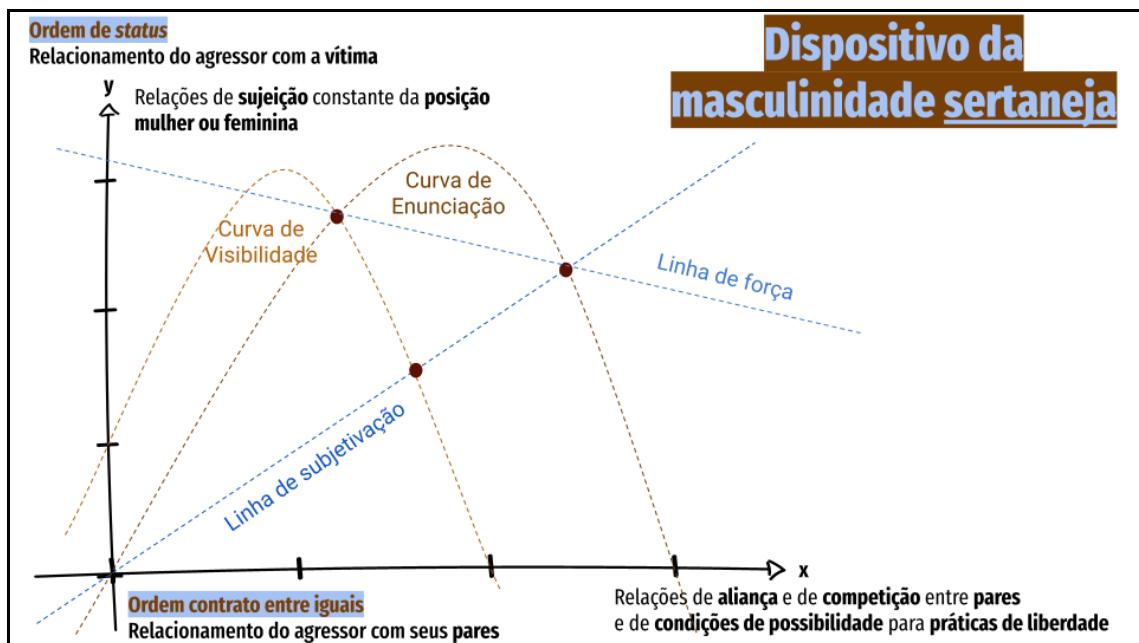
A separação heurística proposta pela historiadora foucaultiana e feminista Navarro-Swain (2014; 2023) é semelhante à análise do dispositivo da sexualidade proposta por Foucault (1988), no volume um da “História da sexualidade”. Na seção em que o filósofo aborda o “domínio” da sexualidade, no capítulo quatro, ele discute como o dispositivo da sexualidade age por meio de “grandes conjuntos estratégicos, que desenvolvem **dispositivos específicos de saber e poder** a respeito do sexo”, a partir do século XVIII - “histerização do corpo da mulher”; “pedagogização do sexo da criança”; “socialização das condutas de procriação”; e “psiquiatrização do prazer perverso” (Foucault, 1988, p. 99-100, grifos nossos). Apesar dessas estratégias não terem nascido “em bloco”, assumiram uma “coerência, e atingiram certa eficácia na ordem do poder e produtividade na ordem do saber” (Foucault, 1988, p. 99).

Sob tal entendimento, na presente pesquisa, operacionalizamos a categoria dispositivo da masculinidade incluindo o conceito “sertanejo”, dada a especificidade da virilidade constitutiva pelos saberes da brasiliade nordestinizada (Rocha, 2024). O nordestino, descrito como um “homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150), uma espécie de contra-ataque à modernização do mundo e à feminização dos costumes do século XX, com “suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histérica” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150). Esses saberes são reavivados em “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018).

Dito isso e cientes de que o funcionamento do dispositivo da masculinidade sertaneja produz desigualdade de forma distinta entre o

masculino e o feminino, assim como o masculino e seus pares, fizemos uma releitura da esquematização deleuziana (Deleuze, 1990) (Figura 1) em diálogo com os estudos da Rita Segato (2003) e Foucault (2015). Para a antropóloga feminista argentina, a violência é um “enunciado”, um “mandato masculino”, que decorre da relação entre dois eixos interconectados, um vertical e outro horizontal, com dinâmicas violentas que se articulam, formando um sistema único de equilíbrio instável e de baixa consistência (Figura 1). A violência funciona como um meio para sustentar e reafirmar a ordem social vigente, legitimada nas/pelas práticas que sustentam a hierarquia sobre o gênero e demais categorias que criam um regime de *status* na produção do “outro” como raciais, de classe, entre nações ou regiões (Segato, 2003, p. 256-257).

Figura 1 - Dispositivo masculinidade sertaneja



Fonte: Rocha (2024).

Assim, o conceito que (re)criamos para as nossas análises coloca as dimensões de saber, poder e subjetividade do dispositivo perpassando cada um dos dois eixos da violência patriarcal de acordo com o tipo de relação estabelecida (Figura 1): o eixo vertical (x) é o de relação de sujeição da mulher ou quem mostra os “sinais e gestos de feminilidade”⁸ pelo homem para manter

⁸ Citação original: “signos y gestos de la femineidad” (Segato, 2003, p. 23). Dito de outro modo, a autora está se referindo à violência por estupro que não se dá apenas entre homens violando o corpo de mulheres, mas também de pessoas trans, por exemplo. Ela exemplifica o campo prisional masculino, onde mesmo que só existam anatomicamente homens, o gênero

o *status* da masculinidade, sempre em risco de ser perdido e por isso deve ser conquistado todos os dias, seja pela violência psicológica, sexual ou física (Segato, 2003, p. 257, tradução nossa); já o eixo horizontal (y) é o da relação do homem com os seus pares, que estabelece relações de competição entre eles, colocando o semelhante em condição subalterna para ser dominado; caso fracasse, estabelece relações de aliança com seus pares, que mesmo com a paridade de gênero, a relação se torna desigual por meio da designação de outras ordens de *status*. A forma-sujeito que se sobrepõe a todos os processos violentos, ou seja, a norma que constitui o centro do equilíbrio instável é: em termos de gênero e sexualidade, homem e heterosexual; de aspecto étnico-racial branco; de classe social alta; em termo de nação, estadunidense (Segato, 2003, p. 257-258). A fim de compreender o funcionamento da ordem patriarcal, nas próximas seções mostramos como o dispositivo da masculinidade sertaneja funciona em duas dimensões: linhas de força e de subjetivação.

A relação entre sujeitos homens e mulheres se dá no eixo vertical (y), cuja orientação espacial indica a hierarquização do sujeito pela “ordem do *status*”, na qual o gênero é o primeiro marcador que legitima a dominação (Segato, 2003). Na supersérie, as relações de sujeição ocorrem em várias práticas e analisamos as linhas de força e de subjetivação que produzem as mulheres nas posições esposa (Rosinete) e amante de Pedro Gouveia e de Samir (Joana), a mando de Ramiro, considerando os “dispositivos específicos de saber e poder” que visam demonstrar a objetificação dos corpos de mulheres para que sejam úteis para o trabalho, procriação, cuidado e manutenção da vida, além do prazer sexual do homem (Tiburi, 2018, p. 12).

Estratégia de poder “capitalização do prazer da mulher” e produção do objeto do conhecimento “mulher erotizada”

A posição-sujeito ocupada por Joana como forasteira, funcionária e amante de Pedro Gouveia, o que a coloca em uma posição de privilégio ao mesmo tempo que a objetifica no/pelo discurso patriarcal, é apresentada já no

reaparece como estrutura de poder e com ela o uso e abuso do corpo uns dos outros (Segato, 2003, p. 23).

primeiro capítulo da série. O motivo dela trabalhar com Pedro é propalado no segundo capítulo: Ramiro a infiltrou na fábrica de bentonita para obter informações sigilosas sobre a pesquisa feita na terra de Samir para calcular a qualidade e a quantidade do minério lá presente (Quadro 1). Para fazer a mulher se submeter a tal missão, Ramiro se utiliza de seus predicados no judiciário e ameaça desarquivar o processo sobre crime inafiançável de tráfico de aves sobre o qual Joana foi pega em flagrante. Por meio de técnicas disciplinares (Foucault, 1987), o juiz manipula o medo de Joana em ser presa para **“capitalizar por meio do prazer da mulher”**: ela é desfrutável para o Pedro Gouveia, fato que provoca uma crise em seu casamento, e torna o corpo do empresário mais dócil, à medida que não consegue perceber as segundas intenções dela, a espiã infiltrada pelo juiz.

Assim, no episódio dois, mais especificamente na secundagem 33 minutos e 34 segundos, Joana aparece em cena constrangedora, sendo coagida por Ramiro. A cena é noturna, a mulher está chegando na frente da casa de Ramiro e, com uma elipse, aparece sobreposição sonora com a voz dela contando que os mapas da exploração que atestavam a grande quantidade de bentonita na terra de Samir (Irandir Antunes), estavam sendo entregues ao juiz conforme o combinado. Na cena que se segue, o enquadramento médio capta os dois sentados frente a frente, com alta profundidade de campo, o que nos permite ver o fundo da sala iluminado pelas luzes localizadas pelo *abajour*. A iluminação e a posição dos corpos produzem os sentidos de um ambiente inóspito e do poder de mando masculino.

A sequência, ainda no mesmo quadro, mostra a funcionária de Pedro a começar a se levantar para ir embora, afirmando que já havia feito a sua parte (entregar os mapas de exploração do minério), quando é interceptada pelo juiz, aproximando-se dela acompanhado de uma música (Quadro 1). Ramiro a olha bem nos olhos de Joana, desliza a mão pelo braço esquerdo e, quando ela puxa o membro superior, ele tenta abrir a blusa dela enquanto diz: “Você tem mais medo de Pedro ou de mim?”, em tom de ameaça (Quadro 1). Ela novamente retira a mão dele, dessa vez, verbalizando que o ato sexual ensaiado pelo carrasco “não faz parte” do “acordo” entre eles (Quadro 1).

Quadro 1 - Joana entrega as pesquisas sobre reserva de bentonita no lajedo

Plano conjunto, ângulo lateral:

Joana: Bom Ramiro, eu vou ter que ir, eu já trouxe... já fiz a minha parte...

Ramiro: Ainda falta muito.

Joana: Ramiro, o Pedro vai desconfiar...

Ramiro: Você tem mais medo de Pedro ou de mim?

Joana: Você me desculpa, mas isso não faz parte do nosso acordo

Ramiro: Ainda não. Me avisa se descobrir alguma coisa dessa confusão de Pedro com o rapaz.

Fonte: Episódio dois de “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), disponível no Globoplay.

A sequências enunciativas audiovisuais, com a descrição da imagem em movimento e transcrição dos diálogos, materializam o discurso patriarcal sobre o uso do corpo de Joana para o prazer faz parte da estratégia de saber-poder **“capitalização do prazer da mulher”**, na qual encontra seu ponto de fixação na **“mulher erotizada”** (Quadro 1). Esse modo de objetivar o corpo feminino tem sua memória no cristianismo, na própria definição de bruxas, mulheres mancomunadas ao demônio e cuja sexualidade é o ingrediente que elas usavam para levar o homem à loucura e ao vício do sexo (lascívia desregrada) (Rago, 2019b). Além da memória da pastoral cristã, na modernidade, especificamente nos discursos artísticos, literários e filosóficos enfatizou-se a transformação das mulheres no “belo sexo” ou “sexo belo”, cuja função primordial era ser subalterna aos homens. Junto ao belo sexo se desenvolveram as representações da “rainha do lar”, da “mulher louvada pelo sacrifício ao esposo e à família e das “mulheres fatais”, em contraposição às mulheres de família, “serv[ia]m e cobra[va]m por seus serviços porque sabem ser para os outros” (Gebara, 2017, p. 18).

De acordo com essa abordagem, a “mulher erotizada” é uma atualização da “mulher fatal”. Essa objetificação também foi utilizada no cinema, frequentemente descrita como uma figura sedutora, independente, misteriosa e perigosa. Ela usa seu charme e sexualidade para manipular e controlar os homens para alcançar seus próprios objetivos. O charme de Joana, também é mobilizado em outra missão: com a descoberta de Pedro Gouveia sobre o vazamento das informações, como mostra o Quadro 1, Joana, enquanto um recurso, é remanejado pelo juiz para cumprir com eficiência seus objetivos - atacar a liderança de Samir. Ou seja, as relações de saber e poder que organizam a racionalidade do patriarcado tomam a mulher como um objeto sexual que pode ser usado para enfraquecer o homem, saber este que tem o efeito memorial do discurso religioso cristão: Eva desencaminhou Adão, fazendo-o comer do fruto proibido. A representação da mulher (Quadro 2) - nua, cabelo longo, se insinuando para o beato, é uma materialização dessa “mulher erotizada”.

Quadro 2 - Joana é objetivada por Ramiro, Pedro e Samir como “mulher erotizada”

Plano médio, ângulo *plongeè*:

Meu Bom Deus, me ajuda a resistir... lava-se, alivia esses pensamentos que mais parecem loucura. Se isso for uma provação Tua, eu aceito. Eu aceito e resisto... eu aceito... eu aceito...

Fonte: Episódio 19 de “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), disponível no Globoplay.

O remanejamento do corpo erotizado de Joana aparece no episódio dezenove, dentro das formações rochosas do lajedo dos anjos, onde reside o “beato”, no qual por uma fresta se o sujeito-espectador vê o corpo nu, cabelo longo, se insinuando, uma materialização dessa “mulher erotizada”. A cena é enquadrada em plano geral e logo na sequência, aparece em ângulo *plongeè* Samir no quarto dele, identificado pela cama arrumada, uma pequena mesa com uma vela acesa. A fresta de luz que é visível na cena conecta com a luz baixa da cena em que apareceu a “Eva”. O sujeito-espectador então consegue

perceber que a visão da mulher, na verdade, era proveniente dos olhos do líder religioso, que aparece com os olhos fechados, prostrado, aparentemente febril devido ao suor no rosto, suplicando em oração, em uma trilha sonora perturbadora (Quadro 2).

A representação de Joana como Eva acompanhada pela súplica de Samir para que Deus afaste dele a tentação ou de aceitação e de resistência comprova que aquela forma de ser mulher seria a arma perfeita para desviá-lo de seu voto de castidade, visto que tal conduta reforçava a “santidade” que a sua comunidade imputava a ele. A estratégia do juiz era que a mulher o fizesse se apaixonar por ela, para desmoralizá-lo e impedi-lo de liderar até mesmo “**um rebanho de bode**” (Quadro 4), mostrada nos episódios 16 e 31.

No primeiro, na secundagem 6 minutos e 14 segundos, o plano conjunto e distante dos olhos do sujeito-espectador, no qual os dois corpos estão cada um em uma ponta do quadro, com os corpos virados de costas um para o outro, a alta profundidade de campo mostra que a ação acontece na casa de Joana. Ela está fumando, indignada, pois foi demitida da fábrica de bentonita após ser descoberta pelo industrial, sobre a espionagem já relatada (Quadro 1). A chantageada avisa ao seu alvo que não fará mais nada ilícito para ele, mas é novamente ameaçada a ser presa por crime de tráfico de aves. A economia da utilidade do corpo é mostrada pelo enunciado-resposta ao motivo de não prender Joana: “Porque aqui fora você tem mais utilidade” (Quadro 3).

Quadro 3 - Joana é recrutada para missão de desmoralizar Samir

Plano conjunto aberto, com alta profundidade de campo:

Joana: Não vou mais fazer nada para você Ramiro, chega!

Ramiro: Vai sim, senão eu desarquivo o seu processo. Tráfico de aves é crime, com os agravantes, eu te coloco numa jaula por muito tempo.

Joana: Por que você não me prende de uma vez?

Ramiro: Porque aqui fora você tem mais utilidade. Fique tranquila, a gente conversa. Você merece uma segunda chance.

Fonte: Episódio 16 de “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), disponível no Globoplay.

A objetificação da “mulher erotizada” como corpo útil obtém o máximo da eficácia quando, no episódio 31, na secundagem 9 minutos e 34 segundos, Joana e Ramiro fazem o acerto de contas final. A cena se passa na sala da casa do juiz, uma cena noturna, os dois estão sentados lado a lado formando um “él”. A mulher aparece lamentando por ter se “aproximado” de Samir e ter feito o serviço de seduzí-lo. O juiz, sem escrúpulos, justificou que ela não precisava ter uma “crise de consciência”, visto que ela estava apenas fazendo um “trabalho”, a pedido dele, e que a responsabilidade por Samir ter se apaixonado por ela era dele mesmo (Quadro 4). A frieza e truculência do magistrado é ressaltada pelo uso do corpo da chantageada, descartado após a concretização do objetivo final: desmoralização de Samir.

Quadro 4 - Joana cumpre com êxito a missão de desmoralizar Samir

Joana: Eu nunca devia ter me aproximado dele...

Ramiro: Para com essa crise de consciência... você seduziu Samir porque eu lhe pedi, era o seu trabalho. Ele se apaixonou por você porque ele quis. Agora que pague! Ah... tá desmoralizado... não consegue liderar mais nem um rebanho de bode..., mas para compensar, eu vou esquecer o seu processo pra sempre. Pronto, pode ir! Estamos quites;

Fonte: Episódio 31 de “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), disponível no Globoplay.

Com efeito, as sequências enunciativas audiovisuais descritas demonstram o funcionamento de uma tática de guerra que visa reduzir ou aniquilar o inimigo, que no caso é o beato e o seu exercício do poder pastoral na sua comunidade autossustentável alojada no Lajedo dos Anjos para assim, expulsar a população e explorar o minério. Novamente, o funcionamento do poder disciplinar exercido pelo magistrado é apoiar-se mais no corpo e nos seus atos e extrair o tempo e o trabalho para alcançar seus objetivos, sempre justificando à mulher que poderia agir de tal modo visto que estaria apenas cumprindo ordens.

Dessa forma, a estratégia de condução da conduta do outro usado por Ramiro é típica de regimes totalitários. Arendt (1999) explica, ao cunhar o termo “banalidade do mal” para analisar o comportamento do oficial nazista Eichmann, no julgamento em Jerusalém em 1960, que o burocrata se mostrou incapaz de refletir sobre seus atos ou de fugir aos clichês burocráticos. A justificativa para os seus atos era de apenas seguir as ordens de Hitler sem questionar as consequências éticas de suas ações. “O problema de Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” (Arendt, 1999, p. 299).

Isso posto, a técnica de violência usada nas relações de sujeição da **“mulher erotizada”** constitui a violência psicológica ou emocional, cujas condutas disciplinares buscam controlar, manipular, humilhar, intimidar ou isolar a mulher, afetando sua saúde mental e emocional. A violência psicológica é provocada pela “[...] a ridicularização, a coerção moral, a suspeita ou a desconfiança, a intimidação, a condenação da sexualidade, a desvalorização cotidiana da mulher como pessoa [...]” (Segato, 2003, p. 115, tradução nossa)⁹. No caso de Joana, Ramiro pratica o monitoramento contínuo dos movimentos dela, além de chantageá-la, intimidando-a com base em sua posição como juiz.

Estratégia de poder “confessionalização da mulher” e produção do objeto do conhecimento “esposa e mãe abnegada”

Um outro tipo de violência na relação de sujeição de mulheres, que não é imediatamente visível devido à construção binária da sociedade, é a atribuição do papel da mulher como garantidora do cuidado e da manutenção da vida. Nesse aspecto, a família, assim como a igreja, a escola e o trabalho, são instituições por meio das quais os homens são colocados em posição de domínio e as mulheres, de sujeição. Na família, mobiliza-se a estratégia

⁹ Citação original: “la ridiculización, la coacción moral, la sospecha, la intimidación, la condenación de la sexualidad, la desvalorización cotidiana de la mujer como persona” (Segato, 2003, p. 115)

“confessionalização¹⁰ da mulher”, em que o saber religioso produz o sujeito feminino em quadros de valores para os quais cria referência: “**esposa e mãe abnegada**”.

A estratégia da produção da mulher abnegada é parte da família que fixa e constitui-se como suporte permanente para a sexualidade aos privilégios da aliança. A família “transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança” (Foucault, 1988, p. 102). Assim, os eixos marido-mulher e pais-filhos são elementos do dispositivo da sexualidade que diz respeito às sensações do corpo e qualidade dos prazeres, ele se sobrepõe ao dispositivo da aliança que é pertinente é o vínculo entre parceiros com status definido.

O dispositivo de aliança se estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito; o dispositivo de sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfas e conjunturais de poder. O dispositivo de aliança conta, entre seus objetivos principais, o de reproduzir a trama de relações e manter a lei que as rege; o dispositivo de sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle (Foucault, 1988, p. 101).

Os dispositivos da aliança e da sexualidade ainda desempenham papéis significativos na família contemporânea, com algumas mudanças e adaptações ao longo do tempo. Eles nos interessam na compreensão da dinâmica de Rosinete, um exemplo eloquente de “**esposa e mãe abnegada**”, produzida pelo dispositivo da aliança, intimamente ligado a tradições e normas sociais que regulam a formação de famílias e os vínculos entre seus membros (Foucault, 1988). No primeiro episódio, ela é apresentada a partir do discurso da maternidade - dedicada ao lar e à família, sobretudo, aos filhos. A instituição família captura e produz suas condutas do cuidado materno, mostrados no plano médio e *close-up* (Quadro 5).

Quadro 5 - Sequência de Rosinete banhando Aurora, uma prática regular

¹⁰ O termo confessionalização refere-se ao “o surgimento do ‘fiel’ moderno a partir do homem cristão medieval” junto ao surgimento dos Estados modernos na Europa ocidental, nos séculos XVI e XVII. O conceito aponta para a fragmentação da unidade cristã da Idade Média em três igrejas confessionais: luterana, calvinista e católica.

Cena 1 - Plano médio:

Rosinete: Falou com o teu pai, que já tava com dor?

Aurora: Ele já sabe, já

Rosinete: Põe tua cabeça para trás. Tu tomou teus remédios?

Aurora: Mainha, tu sabe que eles me deixam enjoada, com vontade de vomitar.

Rosinete: Mas tem que tomar Aurora, quantas vezes eu tenho que lhe dizer. Senão é pior.

Cena 2 - Plano close-up:

Rosinete: Não vi Hermano. Tu sabe do teu irmão?

Aurora: Ele saiu, mas não seu pra onde...

Fonte: Episódio um de “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), disponível no Globoplay.

A cena foi exibida no primeiro capítulo, na secundagem 15 minutos e 52 segundos, Rosinete está banhando a filha. O plano conjunto mostra que as duas estão dentro do *box* de um banheiro, com a ducha aberta à esquerda, onde a mãe enche uma jarra com água para molhar e ensaboar o corpo da filha. Aurora aparece com os cabelos molhados e nua, em enquadramento da cintura para cima, enquanto a mãe está vestindo uma camisola branca e cabelos presos. O diálogo entre as duas, gira em torno da doença lúpus, que faz com que a jovem tenha crises e dores e que precisa de cuidados especiais como o uso de medicamentos. No plano seguinte, *close-up*, Rosinete questiona sobre onde está o filho Hermano e a cena se estende, mostrando a mãe ensaboando a filha enquanto esta chora em razão (Quadro 5). Assim, o discurso do cuidado maternal é materializado no banho e na preocupação com a filha, portadora de lúpus, assim como na preocupação com o filho.

Outra prerrogativa da estratégia “**confessionalização da mulher**” é saciar o marido nas atribuições sexuais. No episódio 20, secundagem seis

minutos 42 segundos, o plano médio mostra o casal Gouveia após o coito, deitados na cama, lado a lado. O enquadramento mostra um quadro de tapeçaria na parede, a cabeceira de ferro da cama, travesseiros e os dois sentados, lado a lado, com os corpos virados para frente. Na cena, Rosinete está com um semblante desanimado. Quando questionada se ainda ama Pedro, a mulher responde achando a pergunta absurda, visto que ela tem que amá-lo, pois é o marido (Quadro 6). No entanto, seu discurso não é articulado pelo dispositivo da aliança, mas sim pelo dispositivo da sexualidade quando ela reclama que há uma falta de diálogo sobre sexo e das preferências dela nesse assunto (Quadro 6). Pedro, contudo, coloca em funcionamento o dispositivo da aliança ao apelar para o discurso do matrimônio para vida toda, de cada um dos cônjuges cuidar um do outro (Quadro 6).

Quadro 6 - Sequência de Rosinete e Pedro mostra a crise conjugal

Plano médio:

Pedro: Tu ainda gosta de mim Rosinete?

Rosinete: Que pergunta é essa Pedro? Claro que gosto. Tu é meu marido.

Pedro: Então qual é o problema?

Rosinete: O problema é que tu não se incomoda, não se importa com o que eu gosto...

Pedro: Ah, não diga uma coisa dessas, sabe que não é verdade...

Rosinete: É verdade... a gente nunca fala de sexo...

Pedro: É porque tu foge, tu sai correndo, vai rezar, sei lá...

[...]

Pedro: Espera... eu entendi quando tu disse que quer ser feliz... eu também quero.

Rosinete: Será que a gente consegue?

Pedro: Eu te escolhi pra ser minha mulher, quero envelhecer do teu

lado. Cuidar de você.

Rosinete: Já volto.

Fonte: Episódio 20 de “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), disponível no Globoplay.

Assim sendo, na posição sujeito de esposa que deve amar o seu marido e ser um corpo que deve sentir e dar prazer ao marido, mesmo depois de mais de 20 anos de casamento e de ter suportado vários casos extraconjogais do marido, afinal - ele sempre volta para ela, casamento é um só, o que Deus uniu o homem não separa - enunciados que constituem regularidades dos saberes religioso e da família patriarcal, que lhe impõem a conduta de mulher abnegada (Rago, 2019b).

Contudo, esses jogos de verdade não constituem em absoluto a subjetividade de Rosinete, pois como as linhas de subjetivação são linhas de fuga que escapam às forças e aos saberes constituídos, a mulher é totalmente abnegada. Inclusive, em diversos momentos ela mostra o quanto se sente violada pelo marido ao ser colocada no papel de esposa e cuidadora, ao mesmo tempo que é alijada das decisões de mando da fábrica e do patrimônio que construiu com o marido. Além disso, a questão dos inúmeros casos de adultério distanciou o casal e o entrosamento sexual parece um elo perdido. Esse é, sem dúvida, um grande sofrimento para senhora Gouveia que se penitencia por não sentir mais atração pelo marido.

O sistema de aliança tem maior peso na relação entre Pedro e Rosinete e o dispositivo da sexualidade não cumpre com eficiência suas táticas. O resultado é materializado no choro abafado de Rosinete no banheiro da suíte (Quadro 6), e embalado por uma trilha sonora triste (Quadro 6), na qual ela aparece em ângulo traseiro e plano aberto da porta até o banheiro da suite, e depois, em plano próximo, dentro do banheiro, chorando copiosamente. Trata-se de uma transição para a próxima sequência, na secundagem 10 minutos e 20 segundos do capítulo 20, em que Joana aparece como a voz da consciência da senhora Gouveia, por meio da técnica confessional produz verdade para Rosinete e o sujeito-espectador, sussurrando que o marido de Rosinete a fazia

gozar tanto e que deveria ser terrível não sentir o mesmo (Quadro 7). A justaposição da esposa e amante na cena dão a ver a dicotomia entre tipos de mulheres produzidas pelo patriarcado, que rivalizam entre si, por porções de: o marido e pai dos filhos e aquele que dá prazer e faz a mulher gozar.

Quadro 7 - Sequência de Rosinete tem imaginação “atormentada” por Joana

Plano close-up:

Joana (sussurrando): Teu marido me faz gozar tanto... que me deixa louca... deve ser terrível ir pra cama com ele e não sentir... nada...

Fonte: Episódio 20 de “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), disponível no Globoplay.

Assim sendo, as estratégias analisadas acerca das práticas de sujeição de corpos de mulheres organizadas pelo dispositivo da masculinidade sertaneja, cuja regularidade reposam em dois alvos do saber. O primeiro é a “mulher erotizada” (Joana) que serve aos prazeres do cabra, tanto na conduta de Ramiro que a usa como instrumento de manipulação de um homem por outro homem para aquisição do poder nas “relações de competição” (Segato, 2003) e de Pedro Gouveia, que se envolve com ela na condição de amante, como uma distração ao casamento em crise com Rosinete. Essa conjuntura é reforçada pela representação fantasmagórica de Joana na relação entre Rosinete e o marido, que aparece junto à falta de entrosamento sexual entre ambos. O segundo alvo do saber é Rosinete, a “esposa e mãe abnegada”, podemos considerar a pedagogia do princípio, preconizada na Idade Média, em que a família é instrumento privilegiado para o governo das populações. Ou seja, para saber governar o outro, o soberano deveria primeiro saber governar a si e à sua família (Farhi Neto, 2010, p. 166). Apesar do aparente antagonismo, ambos os tipos de objetivação de mulheres servem para o mesmo propósito: o domínio do outro.

Considerações finais

Com o objetivo estabelecido foi analisar o modo como os mecanismos de poder patriarcal e de constituição do sujeito objetificam as personagens Joana e Rosinete, na supersérie “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), este estudo revela que: os mecanismos de poder patriarcal se manifestam de forma contundente nas personagens femininas de “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018), especialmente em Joana e Rosinete. A análise, baseada na concepção de “dispositivo” de Foucault (1988; 2015), com contribuições da epistemologia feminista (Rago, 2019a, 2019b; Scott 2017; Segato, 2003), esclarece como essas personagens são objetivadas e subjugadas, cumprindo papéis específicos dentro da lógica patriarcal.

Nesse sentido, Joana é transformada em um objeto sexual, manipulada para fins políticos e econômicos, enquanto Rosinete é configurada pela “confessionalização” como a esposa e mãe idealizada, refletindo as estratégias de submissão e controle, comuns em sistemas patriarcais. As dinâmicas entre essas figuras femininas e seus respectivos papéis revelam a violência simbólica e estrutural que estrutura o patriarcado.

Este estudo sugere que a análise da ficção, especialmente na televisão, é uma via eficaz para compreender como as relações de poder e gênero se desenrolam na sociedade. Recomenda-se em próximas publicações ampliar a pesquisa para investigar outros personagens e suas interações dentro do mesmo sistema de gênero, além de explorar como essas representações podem contribuir para a desconstrução de estereótipos e a promoção de uma visão mais equânime e diversa do feminino nas mídias. Trabalhos futuros podem se aprofundar na análise comparativa entre diferentes representações de masculinidade e feminilidade em produções contemporâneas, considerando o impacto dessas representações na formação da identidade e nos comportamentos sociais.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. **Revista observatório**

Itaú Cultural, n. 25 (maio/novembro 2019). São Paulo: Itaú Cultural, 2007. p. 21-35.

_____. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Nordestino: invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920- 1940)**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: BALIBAR, Étienne et al. **Michel Foucault, Filósofo**. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161. Disponível em:
<http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. 20 mar. 2025.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, p. 103-138, 2020.

https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/27643. Acesso em: 30 mar. 2025.

FARHI NETO, Leon. Biopolíticas: as formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 13. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; rev. téc. José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências; v. n. 15).

_____. Sobre a história da sexualidade. In: _____ **Microfísica do poder**. Org., intro. e rev. téc. Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a. p. 363-406

GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista: uma brevíssima introdução**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

MEMÓRIA GLOBO. Onde Nascem os Fortes. Atualizado em 2023. Disponível:
<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/onde-nascem-os-fortes/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Por falar em liberdade... In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Org.). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas** [livro eletrônico]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/16349>. Acesso em: 5 mar. 2025.

_____. O dispositivo amoroso e tutti quanti: as artimanhas do patriarcado.

Caderno Espaço Feminino, [S. I.], v. 36, n. 2, p. 264–279, 2024. DOI: 10.14393/CEF-v36n2-2023-15. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/72237>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GLOBO. Onde nascem os fortes. Direção de José Luiz Villamarim. Globo, 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/onde-nascem-os-fortes/t/ZtyK1dqdfK/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

ONDE NASCEM OS FORTES. Criação e roteiro: George Moura e Sergio Goldenberg. Direção geral: Luisa Lima. [S.I.]: Globoplay, 2018. 53 capítulos. Supersérie disponibilizada integralmente na plataforma de streaming da TV Globo. Acesso em: 21 fev. 2025.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a, p. 371-387.

_____. Foucault em defesa de Eva. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício (Orgs.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas: perspectivas foucaultianas**. São Paulo: Intermeios, 2019b. (Coleção Entregêneros).

ROCHA, Tacia. **Movimentos de contraconduta feminista em “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018)**: violência, resistências e artes do cuidado de si. 2024. 341f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2024.

SCOTT, Joan. Unanswered Questions. **The American Historical Review**, Volume 113, Issue 5, December 2008, Pages 1422–1430, <https://doi.org/10.1086/ahr.113.5.1422>. Acesso em: 31 mar. 2025.

_____. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. I.], v. 45, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em: 31 mar. 2025.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. I.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

TASSO, Ismara. Corpos em vigília sob regimes do dizer e do olhar da técnica e da tecnologia biopolítica e cinematográfica. In: TASSO, Ismara; OLIVEIRA, Valéria (Orgs.). **Domínios e dispositivos técnicos, tecnológicos e das tecnologias e(m) discurso: a formação dos conceitos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. Coleção Linguagem & Sociedade - Volume 12

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TONDATO, Marcia Perencin et al. Novos formatos teleficionais e a recepção da televisão de qualidade no Brasil: um olhar para a supersérie Onde Nascem os Fortes. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **A construção de mundos na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2019. p. 225-245.

Recebido em: 10-04-2025

Aprovado em: 01-05-2025